

## *CORPUS ERRANTE*

Stella Maria Ferreira

RESUMO: O papel do poeta contemporâneo num contexto de flagrante fragmentação como agenciador de um movimento de superação pela entrega amorosa à obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem poética; incerteza; obra artística

“Sua escrita parece linguagem do vento que dissipa a neve; há petulância, inquietude, contradição, atmosfera de abril; de forma que lembra continuamente a proximidade do inverno como também a vitória sobre o inverno, a qual virá, não pode deixar de vir, talvez já tenha vindo...”<sup>1</sup>

A força de uma vida que se renda definitivamente à Arte a ponto de confundir-se com ela parece ser o caminho buscado por alguns dos poetas brasileiros contemporâneos, que vivem sob a égide do colapso de expectativas. O texto resultante desta experiência não se caracteriza pela precisão e se diverte com uma lógica circular, já indiferente ao avanço do tempo. As linhas escarlates e serpentinas que se seguem deslizam do papel para destacar o traçado de palavras que comporta sinuosidades desconcertantes de contraditória maestria. É texto que se reconhece móvel e a própria mobilidade é seu trunfo desestabilizador para evitar que se curve à exigências. Este discurso ‘alternativo’ torna a percepção mais extensa e intensa; elabora constantemente perguntas para que os ferimentos do corpo não cicatrizem e o fortifiquem, pois, “para que haja mistério na obra literária ou plástica é mister que haja incompreensão, mas sem

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, 2004, p.13.

obscuridade; que a alma que as escute ou as sinta se embeveça e continue a cisma ou o sonho do poeta(...)A verdadeira obra de arte é mais estímulo e irritação que idéia(...)" (RIBEIRO, 1963, p.56). É o texto de quem, prestes a desistir, dá um passo a mais, assente ao chamamento, compromete-se com a beleza e toca o eterno. É texto de quem, do cotidiano faz o extraordinário ao deixar-se ser arte, ou antes, ao deixar-se ser, pura e simplesmente. É tensão constante de quem toma o risco de inventar-se a cada dia, de desfazer-se de chaves sem descanso, sem repouso, que brinca com a memória; é fruto da vertigem de quem se vê preso por querer numa teia que atrai porque assusta e surpreende.

O deslocamento o expatria; sujeito e objeto se confundem em uma existência cujo fim é o de eliminar a distância entre o fazer poético e o viver poético. É escrita de quem "se vê nos outros" porque sabe que "nada é impenetrável, nada é opaco(...) todos estão em toda parte, e tudo é tudo(...)" (BORGES, 2001, p.14). Este *corpus* – que é também corpo –, porém, longe de se distanciar do real circundante o abraça com um vigor singular. É rendição de um corpo, destino selado de quem só tem como saída revestir-se de letra. É escrita errante que, carregada no bolso, embala os sentidos numa melodia de cores e formas nunca vivenciadas, mesmo junto a objetos do cotidiano. Perdido na tradução de signos com os quais não se identifica, o poeta procura um 'lugar' na platéia, sabendo-se espectador e ator. Sua é a linguagem que remete para si mesma de maneira infinita, entreabrindo-se e sendo direcionada pela musicalidade das palavras a partir de suas sílabas.

A 'aceleração' da vida moderna e a 'desaceleração' do poeta se entrelaçam numa arte que transita por um passado que ao refletir seu agora e o seu porvir o convida a recolher Cronos e acolher a simultaneidade do tempo. É pura aderência à tinta, que fará este poeta mergulhar nos escombros e nas montras das esquinas e estradas - na não aceitação de uma vida assinalada por uma pretensa segurança. Aceitação do que está por detrás; convocação do não-dito, da entrelinha para a força inventiva, um encantamento que se insinua nas fissuras do tecido, de uma escrita nova. Este poder agenciador de liberação compartilhado e cedido pelos poetas em suas inflexões de criação rejeitam o desejo de fixar um lugar para a escrita e oferecem uma força vibrante e diferente que atravessa o papel. Excluído, põe e re-põe todo um universo literário no

território da ‘vida comum’ e percebe num quê – o segundo ou micro-segundo de um raio – poder suficiente para o calor da embriaguez. Se, ao agir, o homem moderno se parece com uma marionete, ao falar, ao escrever, seria um poeta. Se, como o bardo inglês já havia apontado, a vida era um palco e, nós, meros atores, se no inconsciente figuravam inúmeras imagens, por vezes extremamente paradoxais, estas deveriam tomar vida no corpo do texto, isto é, em seu dia-a-dia. O lado ‘tenebroso’ dessa descida ao interior da escrita insinua uma nova luz. Luz para quem vive com cada palavra colocada no devido lugar, como quem pensa em rasgos, como aquele artista que, para aliviar a angústia da plenitude e a dor de suas próprias contradições, encontrou sua pátria na arte.

Assim, *Poema para carregar no bolso*<sup>2</sup>, de Alberto Pucheu, se derrama sobre a folha e faz descolar toda resistência à vida como obra artística. Afinal, “enquanto fenômeno estético, a existência ainda nos é suportável.”(NIETZSCHE, 2004, afr.107).

*Entreguei o corpo aos abalos da cidade.  
Mastigo seus vergalhões, o sabor perdido  
do torrão ancestral. Independe de mim  
a oscilação da Bolsa, a noite de carros,  
as palavras derivadas em poemas, o exagero  
luminoso por todos os bairros, o abalroamento  
na esquina e na estrada. Estou à margem  
do resultado de todas as coisas. Violino  
desacompanhado, não tenho para a vida  
uma pauta de Bach. Inventar-me-ei  
nessas linhas. Ou não cumprirei arrojios  
necessários. Sigo, com o nome de meu avô antes de seu  
avô nascer, com a mesma sensação ubíqua do momento  
em que fui concebido, com pensamentos de quelônio  
submerso em mares distantes...Os pés descalços, a sola  
engrossada por caminhos andarilhos, o dorso aderindo  
ao jeito do asfalto e das calçadas, o corpo manuseado*

*pela rebelião sísmica e descontínua da cidade.*

O peregrino, atento observador, ao trabalhar com a visão fragmentada da cidade, deixa transparecer o dimensionamento do mundo. “À margem do resultado das coisas”(linhas 8/9), à margem deste mundo envernizado, ao aceitar ter o dorso “aderindo ao jeito do asfalto”(linhas 16/17), pode-se movimentar num caos de recriação incessante. Este corpo para o qual não há consolo, (...) apenas a elegância de mantê-lo no terminal do texto(...) (FURTADO, 2002, p.100), na entrega às pulsações da cidade, tem pés descalços de pré-conceitos, de manipulações, esculpindo um ‘eu’ que se destaca pela cisão, pela fragmentação. Os adjetivos utilizados – “perdido”(linha 2), “desacompanhado”(linha 9), “submerso”(linha 15) realçam o tom de indiscernibilidade ao mesmo tempo que permitem que “luminoso”(linha 6) esteja presente, de modo a ‘purificá-lo’ de todo conformismo. Ele, assim, continua deambulando, como ser eterno, pleno de potencial criativo. Vencendo limites, saboreia o caminho que nunca tem fim, deixando que a vida sorratamente chamasse, incitasse e desafiasse além da sua, outras vidas, “(...) na sede de entenderem e se comunicarem.” (RIBEIRO, 1963, p.53). Assim, só como personagem deste mundo pode fazer circular a proposta de um texto outro. Pela multiplicidade faz realçar sua existência única. Segue com o nome do avô “antes de seu avô nascer”(linha 12) e destaca que tudo é simultâneo e pode vir à tona num instante de intensidade, daí, a solução consistir no raro. A beleza pode parecer obscurecida, mas não fenece porque o corpo, invadido pelo amor, não deseja outra coisa que não aquela suprema e eterna confirmação. Conquista definitivamente a vida com a arte da gratuidade. A apaixonada experiência de seguir o momento presente sem as especulações futuras, sem cumprir “arrosos necessários”(linha 11) faz desta uma viagem inusitada. Para isso, é preciso uma coragem que aceita “a veemência da criação naquilo que não precisa ter um porquê, naquilo que, inclusive desmerece o que pode ser explicado”(PUCHEU *in* COUTINHO;CORREA,2004,p.122). O passeio poético desvela um perfil obscuro que hipnotiza porque, ao mesmo tempo, irradia uma significação essencial. Diz Nietzsche no aforismo 52 de *A gaia ciência*:

“Não escrevo apenas com a mão:  
Meu pé quer sempre entrar no jogo.

Desempenha corajosamente o seu papel, livre e firme,  
Ora pelos campos, ora no papel”.<sup>3</sup>

Debruçando-se sobre os entornos e contornos da cidade, este poeta emancipa sua linguagem; ao deixá-la desamparada permite que caminhe sozinha. “Ser poeta é saber abandonar a palavra” (DERRIDA, 2002,p.61). O poeta assume a solidão e re-pensa a literatura. Da falta eclode uma positiva presença. O tom de indeterminação move o leitor ,é preciso que cada um dê uma forma – ainda que não a concebida de maneira ortodoxa – aos caos. A constatação da vida como um conjunto de episódios que se unem exclusivamente pelo fato de se sucederem à mesma pessoa. Com os sentidos em alerta, o poeta elabora uma quebra de limites e designações. Apaixonado, recusa-se a tapar os ouvidos ao canto das sereias que compõem a cidade; canto que ele impregna com um louco arrebatamento de que “sabe que não pode saber tudo(...)” (SCHUBACK, 1999, p.178). Exercita a liberdade de não possuir certezas e deixa desabrochar todo o dia a flor da perplexidade, alimentada pela crença de que nada poderia ser mais humano, perene vacilação. Até no desconhecido, procura ser inteiro. O tom guarda um quê de melancolia. O poeta parece gritar como um ‘louco’ para quem não se mobiliza à compreensão. Esta sanidade, que aos olhos dos outros é ‘insana’, por onde passa, busca ‘rasgar o espaço’ em meio a pessoas cansadas demais – como alimentos que perderam o frescor.

Confiando-se na inocência do devir, o poeta recobrará o sentido de veneração diante do mundo. Com sua imaginação transcendendo tempo e espaço, a sensibilidade é maior – assim como o sofrimento e a incrível capacidade de ultrapassá-lo. O poeta não afasta nada, já que tudo é vida e, portanto, arte. Seu objetivo deve ser o de provar um prazer duradouro e não adaptado às exigências estéticas do tempo. Assume aquelas “(...) horas insones como as extensões da noite/ como um livro de areia na cabeceira(...)” (FURTADO, 2002, p.104). O olhar transitivo que garante a constante peregrinação é desejoso de ir aos extremos. Se a relação de fatos perturba, a individualidade pode

<sup>3</sup>

NIETZSCHE, 2004, p.31

relaxar fora das portas – na rua: espaço de delícias, como dizia o carioca João do Rio. O poeta escolhe ser corpo fronteiro, que se recusa a tutela, pondo o mundo entre parênteses, mostrando nas finas estrias de seu corpo o quanto se sente vivo e não um mero parágrafo obediente. Retraduzindo-se, chega a uma nova linguagem que, longe de comunicar estados comuns, oferece o corpo para que nele se opere um texto de pura leveza interior que remeteria ao inexato, misteriosamente harmônico, “em mares distantes”(linha 15). Este escrito de carne ganhará sentidos inúmeros através dos leitores, tornando tudo possível. Nessa certeza, desnudo de medo, caminha com o frio do sofrimento suavizado. Coração alargado e alagado por poder enxergar a beleza do olhar estético que privilegia percepção e sensação. Projeta, agora esculturas ainda invisíveis e que a cada toque do outro – leitor – se tornará mais ‘real’.

Dotado de alma em perene submersão, caminhante inveterado, maneja cada palavra como a uma espada e quer que cada frase seja adivinhada em seu caráter cortante, enfatizando a beleza. (Afinal qualquer tremulação faria com que um borrão de tinta manchasse as linhas que se queriam cuidadosamente preparadas). O poeta executa o questionamento, ao mesmo tempo em que formula uma contra-argumentação, para através das palavras incentivar a luta contra o esquecimento. O *corpus* se retira do mundo de acomodação, pede trégua ao real sufocante e afirma a alegria da aprovação da vida; alegria contida no que a existência tem de trágico e jubiloso. Os sulcos da rua e os sulcos dos rostos se misturam numa atraente festa em que o poeta procura novamente o peso das coisas para tornar-se obra completa pronta para mover e comover.

A grande obra artística a ser considerada é a de uma vida devotada às idas e vindas deste corpo viajante, sempre às voltas com espaços que perderam suas fronteiras – até mesmo geográficas -, sentindo as palavras caindo como a terra em deslizamento e os extratos se juntando ao tecido da pele. Daí, o poeta optar por guardar seu poema no bolso – à espera. Ele sabe que não é fácil ultrapassar a fronteira da consciência, mas se ele atravessa o caminho dos outros pela margem, haverá um instante em que a inconsciência chamará os indivíduos à ousadia da aventura que embriaga. A resposta se faz no acolhimento estético das coisas. A entrega ao poema é essencial. Assim, a cor do texto se mostrará, seu prodígio criará, enfim, um mundo mais real do que a própria realidade.

No desenho desta escrita, Pucheu traça um circuito que espalha marcas. Contando sua história, conta a de todos. Ao ‘indefinir-se’ pela inquietude acentua ser esse o momento oportuno para o ‘grande salto’ daqueles que se recusarão a obriedade da linha reta. Ao indefinir-se nesse ‘campo minado’ redefine um novo espaço de ação; ação poética que prescinde do som e se compraz com a música do silêncio para que as idéias possam ser sorvidas para além das cortinas tecidas pela razão. O não-sentido deste mundo longe de inibi-lo, lança-o a um movimento sempre para frente, de progressão e nunca de fracasso. Haverá uma chave que desarme a situação? As palavras de Foucault ecoam aos ouvidos do poeta:

“Cada frase lida poderia conter em si mesma um número considerável, uma quase-infinitude de chaves, pois o número de palavras-chegada é bem mais elevado que o número de palavras-partida(...)”.<sup>4</sup>

O poeta passa por lutas e perigos. No entanto, sabe que perigo maior seria a auto-anulação da vontade e, compondo-se pela ruptura, exercita a liberdade poética cujo ‘documento’ de identidade é sua própria obra, guardado no bolso. À percepção hibernada no cotidiano, pouco a pouco é revelada uma outra dimensão de beleza: o que no turbilhão há de único e inexprimível. Afinal, “por detrás da escrita, no espírito de quem lê, ergue-se ainda uma voz. O que sucede é que, ao lermos, julgando ouvir a voz de um autor, ouvimos a nossa própria, que recita em silêncio.”(COELHO, 1969, p.7) e é precisamente isso o que o poeta contemporâneo busca ressaltar. Ele passa pelas cinzas e se torna um com cada indivíduo infinitamente. Seu caminho se bifurca teimosamente em outros. O chão, por vezes, falseia, o mundo desrealizado assusta, mas seu corpo, sulcado, adquiriu impressionante conformidade – ora alargando-se, ora encolhendo-se.

A provocação dessa poesia irrita o leitor que, alterado, sente-se capturado por uma espécie de segredo flutuante, dado e retirado e jamais fato demonstrável. O leitor luta com essa obra, contorna-a, e é vencido. Não há conclusões a serem tiradas. O encantamento permanece nas dobras das frases. Resta para este leitor a sugestiva atitude

<sup>4</sup>

FOUCAULT, 2005,p.7.

do poeta de mastigar o sabor perdido (linha 2). Mesmo sem “uma pauta de Bach” (linha 10) para guiá-lo nesta vida, o poeta rege sua orquestra e executa uma peça de valor singular e inestimável. Concentrando-se em suas forças e capacidades, este anônimo maestro cria com algumas poucas notas uma música definitiva porque renovável. Sozinho, absorto em pensamentos de superação, a consciência em agonia, desenha uma paisagem que contagia mais pela negação do que pela afirmação. Os prazos fixos, as linhas retas, tudo enlaçado à uma obrigatoria socialização faz com que este andarilho, na descontinuidade de seus passos ‘invente’ um novo jeito de ‘cumprir’ não o papel ‘necessário’, mas o querido e acalentado.

O texto de Alberto Pucheu exemplifica de maneira tocante o sentimento que permeia a poesia brasileira de nossos dias. A incerteza não é negativa, é vitória sobre marcações obrigatórias de passos e compassos. O escritor é expoente de uma geração que traz na pele a fragmentação e a transmuta em arte poética. O convite é sutil; vem enxertado nas entrelinhas, na contra-mão, por entre as expressas vibrações de dor das luzes artificiais e cinzentas da cidade. É poema colorido pela paixão que anima a vida.

O leitor se sente impelido a levar este texto no bolso como lembrete de tudo o que está ainda por ser realizado e o muito que se espera de cada um – a arte de exaltar a magnitude da existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BORGES, J.L. *História da eternidade*. São Paulo: Editora Globo: 2001.
- COELHO, J.P. *A letra e o leitor*. Povoá de Varzim: Portugália Editora, 1969.
- COUTINHO, L.E.B.; CORRÊA, I.E.J. *O labirinto finissecular e as idéias do esteta*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FOUCAULT, M. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Vol.III. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FURTADO, F.F.F. *Corpo Portátil (1968-2000)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- PUCHEU, A. *A fronteira desgarrada (poesia reunida 1993-2007)*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.
- RIBEIRO, J. *Páginas de estética*. Rio de Janeiro: São José, 1963.
- SCHUBACK, M.S. *Ensaio de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ABSTRACT: The role played by the contemporary poet in a context marked by fragmentation. The impulse to overcoming the situation through his giving in to the work of art.

KEY-WORDS: poetic language, uncertainty, work of art